

tendo a estação terminal em Araguari, a **Mogiana** lançava, ao longo de seu extenso percurso, numerosos ramais, muitos dos quais penetravam em território mineiro e articulavam-se com ferrovias mineiras. Isto fez com que grande parte do Sul de Minas e do Triângulo Mineiro fosse capturado para a economia paulista, pois suas ligações eram muito mais fáceis com Campinas e São Paulo do que com outras cidades mineiras. E Poços de Caldas, cujo município faz divisa com São Paulo, foi das primeiras a ser “capturada”.

Tal situação ( de captura ) perdeu até o surgimento da era rodoviária. Só com esta, Poços passou a ter ligações rápidas e eficientes com outras cidades mineiras, inclusive a própria capital do Estado. No “tempo do trem”, Poços era uma cidade pouco mineira. Toda a sua vinculação material e cultural era com São Paulo. Poucos mineiros a freqüentavam, pela dificuldade de acesso. Alguém que, de Belo Horizonte, quisesse ir a Poços teria de fazer um longo percurso, sujeitando-se a pernoites e baldeações. Por isto, os mineiros preferiam as estâncias do Sul de Minas ( tal como os cariocas ), de acesso mais fácil.

Mas, com o advento da era rodoviária, a função de captura da velha **Mogiana** desapareceu e com ela desapareceu a própria ferrovia, hoje utilizada apenas para o transporte de minério. Mas o trem teve em Poços seu papel, econômico e social. Esperá-lo, às cinco horas da tarde, era o principal acontecimento do dia. Metade da população ocorria à estação para ver os que chegavam. E a quantidade enorme de agenciadores de hotéis e carregadores dava à praça fronteira uma azáfama bastante festiva. Tudo isto desapareceu. Mas é significativo ver que ainda há quem se lembre do velho trem, especialmente quando se comemora o seu centenário.

\*

### ERNESTO LEME

O grande paulista que se chamou Ernesto Leme, cujo falecimento ocorreu a 21 de maio, privou São Paulo e o Brasil de uma de suas maiores figuras, notadamente nos setores da jurisprudência, da diplomacia e da política, nasceu na vizinha cidade de Bragança, mas, quando estudante viveu em Campinas, diplomando-se professor pela nossa tradicional Escola Normal. Sua família e ele próprio foram sempre muito vinculados a Campinas, pois dois de seus irmãos aqui exerceram o magistério por longo tempo. Ernesto Leme, que foi sócio honorário de nossa Academia Campinense de Letras, gostava de recordar com muita saudade a fase

campineira de sua vida, à qual dedicou boas páginas de seu livro de memórias, **Casa de Bragança**, aparecido em 1981 e, ao que parece, seu último trabalho publicado.

Em **Casa de Bragança**, fez o saudoso jurista um apanhado de suas atividades em Campinas, pois embora estudante, teve intensa participação em alguns movimentos culturais e cívicos de nossa cidade. Frequentou com assiduidade o Centro de Ciências, onde conviveu com José de Campos Novaes, Ponciano Cabral e Rafael Duarte, entre outros. Ali, ouviu Rui Barbosa no célebre discurso em que descreve as andorinhas de Campinas; ali, ouviu conferências de João Ribeiro, Júlia Lopes de Almeida e Amadeu Amaral, bem como versos recitados por Alberto de Oliveira, Margarida Lopes de Almeida e Roberto Moreira; ali, conheceu Alberto Faria, sem imaginar que, quarenta anos mais tarde, iria ocupar a sua cadeira na Academia Paulista de Letras. Em Campinas, saudou Guiomar Novaes e ao diplomar-se pela Escola Normal, foi o orador da turma e, nesta qualidade, teve oportunidade de saudar Rui Barbosa novamente em visita a Campinas. Enfim, muitas outras recordações encontram-se em seu livro de memórias, evocando a Campinas de seu tempo.

Retirando-se para São Paulo a fim de cursar a Faculdade de Direito, pela qual se diplomou em 1919, na Capital fez brilhante carreira como professor da Faculdade e, bem mais tarde, reitor da Universidade de São Paulo. Como diplomata, foi delegado do Brasil junto à Organização das Nações Unidas. Como político, foi deputado à Assembléia Constituinte de 1934 e, depois, à Assembléia Legislativa do Estado. Membro da Academia Paulista de Letras, desde 1953, dela foi presidente em dois biênios. Foi, igualmente, presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, do qual se tornou posteriormente presidente honorário.

\*

### LUÍS DA CÂMARA CASCUDO

Com o falecimento de Luís da Câmara Cascudo ( 1898-1986 ), ocorrido a 30 de junho na capital do Estado do Rio Grande do Norte, onde nasceu e sempre viveu, perdeu o Brasil não apenas um grande escritor, mas, como dele se disse, talvez o maior sabedor de coisas brasileiras. Em sua extensa bibliografia, de mais de cento e vinte livros, alternam-se história, etnografia, folclore, lingüística, literatura, sociologia...

Muitos de seus livros certamente ficarão como marcos impecáveis da cultura brasileira: **Geografia dos mitos brasileiros**, **Literatura**